

Paisagem interior e caleidoscópica - A metamorfose de uma ação no contexto do Serviço Educativo da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto/Câmara Municipal da Maia

Joana Mendonça¹

Ricardo Gonçalves

Susana Lopes

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto
inED - Centro de Investigação e Inovação em Educação

Bruna Quadrado

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto

RESUMO

Através desta reflexão, desafiamo-nos a desmontar uma ação educativa com início num formato pós-pandemia, que em contexto de parceria institucional, cresceu, desabrochou, e passou por transformações até chegar ao momento atual.

O seu nome é “Paisagem interior e caleidoscópica” e foi concebida no contexto da UIVO 10 - Mostra de ilustração da Maia, por uma equipa constituída por três docentes de Artes Visuais da Escola Superior de Educação do Porto, e uma aluna da Licenciatura em Artes Visuais e Tecnologias Artísticas, a realizar o seu estágio nos espaços do parceiro institucional, o Fórum da Maia.

Esta parceria permitiu criar um programa educativo à medida, no sentido de compreender e integrar as características específicas da comunidade.

Para o fórum interno em maio 2021 foi selecionado um excerto deste projeto, como forma exemplar do trabalho colaborativo que tem vindo a ser realizado. O artigo dedica-se a desenvolver de forma detalhada o projeto mencionado, refletindo acerca das áreas científicas nas quais se insere e enquadrando o projeto global dos 500 anos do Foral da Maia naquilo que é o início de um projeto de investigação multidisciplinar.

Palavras-chave: Mediação em arte; Educação artística; Arte contemporânea; Públicos; Comunidade.

ABSTRACT

Through this reflection, we challenge ourselves to disassemble an educational proposal that started out in a post-pandemic format, and in the setting of an institutional partnership, grew, blossomed, and underwent transformations until it reached the current moment.

The proposal is called “Interior and kaleidoscopic landscape” and it was conceived for the context of UIVO 10 - illustration exhibition in Maia, by a team consisting of three professors of Visual Arts from the Porto Superior School of Education, and a student of the Degree in Visuals Arts and Artistic Technologies, carrying out her internship in the headquarters of the institutional partner, Maia Forum. This partnership made it possible to create a tailor-made educational program in order to understand and integrate the specific characteristics of the community.

An excerpt of this project was selected for “Fórum Interno” in May 2021, as an example of the collaborative work that has been carried out. The article is dedicated to developing the aforementioned project in detail, reflecting on the scientific areas in which it is inserted and framing the global project of “500 anos do Foral da Maia” in what is the beginning of a multidisciplinary research project.

Keywords: Art mediation; Art education; Contemporary art; Publics; Community.

¹Endereço de contacto: joanamendonca@ese.ipp.pt

1. Introdução

O período de formação no ensino superior ao nível da licenciatura, no que concerne ao formato pós Bolonha, vivido atualmente por todos (em 2021), oferece aos alunos e aos seus docentes uma realidade diferente do período pré Bolonha. O Processo de Bolonha veio contribuir para acelerar uma mudança que se podia sentir antecipável, considerando as transições por que fomos passando, assim como a evolução dos tempos, de uma forma geral. O perfil do aluno que frequenta o ensino superior mudou muito nas últimas duas décadas, até se considerarmos, em comparação, o nosso próprio percurso², como referiu Oliveira (2012):

Outra das medidas que visaram criar um ensino que se adequa mais às necessidades dos estudantes foi a organização do ensino superior em três ciclos de estudos, que mantêm as designações anteriores - a licenciatura, o mestrado e o doutoramento - mas que têm geralmente durações mais curtas e flexíveis.

Não foram apenas os avanços tecnológicos e um fenómeno de globalização que aceleraram esta realidade, mas também a consciência cada vez mais clara da necessidade do cuidar - do planeta, das pessoas, da natureza, de nós próprios.

O processo de Bolonha proporciona mais coerência nos sistemas de ensino por toda a Europa, torna-se mais atrativo, competitivo e acessível, desde logo pela forma como são organizados os conteúdos programáticos³. Neste processo, valorizam-se as diferentes dimensões da educação formal, informal e não formal, assumindo-se a relação entre o tempo letivo e o tempo livre como um tempo de sociabilidade, que proporciona experiências culturais, educativas e sociais, fundamentais para o sucesso académico (Araújo & Diogo, 2015). Para um estudante universitário hoje, é necessário que o estabelecimento de ensino onde se encontra consiga contribuir para a sua formação em cidadania. De entre as várias formas de constituir essa oferta, sentimos que a abordagem de proximidade e responsabilização que passamos para os alunos na licenciatura em Artes Visuais e Tecnologias Artísticas (AVTA) da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto (ESE.IPP) desde o primeiro ano da licenciatura, tem sido uma escolha que fazemos e que os resultados que temos obtido têm sido muito promissores.

Os três anos curriculares que a licenciatura hoje propõe são resultado de um “corte” prévio, em virtude de uma adaptação de formato e conteúdo num estar mais proativo e profissionalizante do plano de estudos. As referidas adaptações são fruto de reflexões regulares realizadas no âmbito da avaliação anual do Curso, formalizadas em atas de reunião de *focus grupo*, onde são apontadas as UC Projeto e Iniciação à Prática Profissional na sua relação com os contextos da criação artística e da educação artística, como canais privilegiados para a mobilização dos diversos conteúdos abordados ao longo do curso na criação de projetos de responsabilidade individual no âmbito das artes visuais e da intervenção educativa em contextos não formais; o trabalho de proximidade com uma rede de entidades parceiras muito diversificada (Museus, Associações Culturais, Juntas de Freguesia, Câmaras Municipais e Instituições de solidariedade social) que permitem o envolvimento dos estudantes em atividades de extensão à comunidade e de promoção artística e cultural; e, ainda, a existência de atividades extracurriculares (visitas de estudo, workshops, exposições, palestras e ações decorrentes de eventos e/ou parcerias com entidades externas) como iniciativas fundamentais à formação dos estudantes fora do contexto escolar⁴.

Da experiência na licenciatura em AVTA, ao nível de ações complementares à formação inicial que temos proporcionado aos alunos - quer por iniciativa da instituição de ensino superior, quer por recomendação dos alunos, ou através de parcerias previamente estabelecidas - têm tido um impacto significativo na motivação dos alunos envolvidos e até nas suas escolhas de futuro.

² Três dos autores estudaram no ensino superior no período compreendido entre 1993 e 2005

³ https://ec.europa.eu/education/policies/higher-education/relevant-and-high-quality-higher-education_pt

⁴ Ponto 13. *Identificação de boas práticas* do Relatório de Avaliação de Curso 2020_21

Tendo consciência de que o perfil do aluno do ensino superior atual não se considera completo com a sua carga letiva semanal, nem os seus docentes estão desligados da realidade que os rodeia (ou da cidade onde vivem), é um facto que nunca como agora as práticas do ensino superior se estenderam tanto até à comunidade - levando os alunos consigo - e que isso tem tido um impacto positivo inquestionável ao nível da formação global do aluno recém-licenciado.

Da consciência da particularidade do currículo de Bolonha, constrói-se uma oportunidade, no sentido em que o tempo não letivo é canalizado para ações formativas de ligação à comunidade: uma mais-valia não só para a formação dos alunos, mas também uma forma de incentivar o carácter investigativo da prática docente do ensino superior.

A Unidade Técnico Científica (UTC) de Artes Visuais (AV) da ESE.IPP é exemplo no que diz respeito à inclusão dos alunos da licenciatura em AVTA em iniciativas de extensão do campus até à(s) cidade(s): através de visitas regulares orientadas a Museus e/ou Galerias, visitas a ateliers, na organização de conversas com artistas, realizando aulas externas no Museu de Serralves, no Jardim Botânico, na Galeria Municipal do Porto, como exemplo a Figura 1.

Figura 1. Aula de desenho na Galeria Municipal do Porto, 2020



Mais recentemente, e em consequência da pandemia de Covid-19 - que surgiu em março 2020 em Portugal - algumas destas iniciativas passaram a realizar-se num formato à distância, mas não deixaram de ter lugar. Em alguns casos, houve inclusivamente a oportunidade de testar o formato de “aula aberta”, convidando outros alunos da ESE a estarem presentes na mesma sessão.

Mas é em iniciativas excecionais, decorrentes de parcerias institucionais que surgem as melhores oportunidades para criar relações mais duradouras com o espaço público, numa extensão que vai desde a academia até à comunidade: algo que se promove e destaca neste documento, mas que tem um início muito anterior ao do protocolo estabelecido com a Câmara Municipal da Maia.

Para contextualizar, na história recente desta UTC foram estabelecidas parcerias institucionais com a Porto Lazer e com a Ágora, ambas em colaboração com a Câmara Municipal do Porto, num período temporal considerado extenso (entre 2012 e 2017), em projetos específicos de duração variável, que envolveram turmas de diferentes anos letivos, nos quais os alunos da licenciatura tiveram acesso a momentos de formação em contexto real de trabalho complementares aos da licenciatura, de acordo com Melo e Lopes (2018),

A parceria ESE/Porto Lazer procura firmar um compromisso entre duas entidades que enquadram de forma mais ou menos direta a educação na cidade, encontrando resposta aos desafios apresentados no sentido de transformar a cidade num território educativo, onde esta pode ser entendida como escola. Um espaço urbano que proporciona aprendizagens coletivas e que necessita de mediação. (p.3)

Nestas ações (Primeira Avenida, Locomotiva e Alumia) foram estabelecidas pontes de ligação que, como desafio aos alunos, ofereciam uma oportunidade de relacionamento com públicos variados, mas em que a estrutura-base das propostas era realizada em parceria com artistas, ou pelos próprios artistas incluídos na programação. Nesse sentido, para além de assegurar um papel fundamental de mediação e de formação de públicos, através da criação de uma ligação sensível com os participantes, os mediadores (alunos da licenciatura) acompanhavam a conceção, estando presentes em sessões de debate e construção das próprias ações de mediação. Para além da aprendizagem implícita neste tipo de iniciativa, a tónica geral dos alunos envolvidos era a de um sentimento de pertença (e coautoria), que gera memórias significativas, através das quais se pode esperar um impacto a longo prazo. Com a vantagem adicional de contribuir para criar raízes e um relacionamento real e expressivo com a cidade, a uma grande percentagem de alunos que se desloca de outras localidades para vir estudar.

2. 500 anos do Foral da Maia - uma parceria com a Câmara da Maia (2019/2021)

“Propostas para novos quotidianos” é o mote da curadoria proposta por Cláudia Melo para a 10ª edição da UIVO - Mostra de Ilustração da Maia, que celebra em 2020 uma efeméride marcante, os seus primeiros 10 anos de existência. Com um desenho curatorial consistente de proximidade à ilustração enquanto arte nobre e da ilustração que pretende ser levada até à rua - espaço público - como objetivo operacional, a UIVO é reconhecida pela sua seriedade e longevidade, dentro do meio da ilustração em Portugal.

A Maia como cenário - que facilmente se esvai na sombra da cidade invicta - tem vindo nos últimos anos a estabelecer-se com uma programação de referência, com exposições regulares no Fórum da Maia, onde a contemporaneidade é mote principal⁵.

A proposta educativa avançada pela UTC de AV para o Fórum da Maia e Museu de História e Etnologia da Terra da Maia é resultado de uma candidatura, a partir da qual é estabelecida uma parceria institucional. A programação educativa da UIVO, criada no âmbito desta parceria, mostrou ser a oportunidade adequada para atuação de pequenos grupos de alunos, devidamente integrados e em cooperação com os docentes responsáveis. Esta programação abrangia público escolar em largo espectro; professores e auxiliares das escolas do município, famílias, público geral das visitas, e ainda algum público inesperado que casualmente participava nas ações de rua.

Os docentes da ESE.IPP⁶ assumiam assim um perfil de programadores - como criadores e formadores das ações - cuja área científica de interesse se estabelece entre a docência, as artes plásticas, a ilustração, o design e a mediação em arte contemporânea, e da confluência entre estas especializações surge a programação geral dos 500 anos do Foral da Maia. Considerando que esta parceria é um desafio para ambas as instituições, mas fundamentalmente uma oportunidade, realçamos que, em todos os momentos, foi considerada e

⁵ Algumas das exposições fixas são: Uivo - Mostra de Ilustração da Maia, Mês da Arquitetura, *World Press Photo*, Bienal da Maia entre outras.

⁶ Joana Mendonça, Ricardo Gonçalves e Susana Lopes.

incluída a participação ativa e cocoordenação da Divisão da Cultura da Maia, na figura da Técnica Superior de Serviço Educativo, Ana Pereira.

Após um primeiro ano de ações que decorreram com tranquilidade e da concentração de bastantes esforços na conceção dos trabalhos que integraram a Uivinho #2 - mostra de ilustração infantil em fevereiro 2020 (ver Figura 2), podemos assumir que tudo se avizinhou igualmente promissor para a edição seguinte.

Figura 2. Mostra de ilustração infantil Uivinho #2, Fórum da Maia, fevereiro 2020



Quando começámos a preparar as ações para a UIVO 10, já tínhamos passado um primeiro confinamento coletivo, fazendo-nos alterar as perspetivas e expectativas: a rua passou a ser a cena principal das narrativas quotidianas, assumindo que os portugueses passaram a valorizar mais os espaços exteriores das cidades, mesmo com as condicionantes que apresentavam, e as limitações de horários ou circulação.

Previendo que os espaços fechados pudessem permanecer mais complexos de gerir ao nível pandémico, em particular no que diz respeito a ações de mediação a partir de exposições, a curadora Cláudia Melo propôs que as ilustrações invadissem muros e outras zonas públicas da cidade da Maia - como as paragens de metro por exemplo - chamando e acenando aos públicos já convencidos, mas também a novos.

Concluimos que o espaço público se apresentava de facto seguro, sendo aquele em que o convívio e o distanciamento entre corpos (a que nos acostumamos) nos pareciam mais naturais. Concluimos também que valeria a pena adaptar o que fosse necessário, de forma a preservar a relação com os públicos maiatos - que já se tinha iniciado no ano anterior - não abdicando da programação de uma maneira definitiva⁷.

Porque desejávamos que a UIVO mantivesse um trabalho de continuidade de aproximação à população da Maia, foi proposta a realização da pintura colaborativa de um mural que - de uma rua secundária proposta por nós - passou a ser projetada para um muro integrante do próprio Fórum da Maia. Este desafio chegou-nos pela mão da Divisão da Cultura da Maia, reforçando a estabilidade e a força que a parceria começava a ter, e da qual não queríamos abdicar.

⁷ À semelhança de muitas outras instituições culturais nacionais.

O muro selecionado para a intervenção pretendia funcionar simultaneamente como um lugar facilitador da relação entre arte e público, na medida em que o convite para quem passa, tem o seu início na fruição de uma pintura mural, mas funciona como um braço que se estende até ao interior do Fórum, e às exposições patentes.

A intervenção no muro procura fazer a reinvenção deste lugar, tornando-o um ponto de charneira entre o Fórum da Maia e a comunidade envolvente, incrementando, assim, uma maior acessibilidade à arte.

Após as condicionantes que se impuseram devido ao novo aumento de casos de covid-19 - que levou ao encerramento dos equipamentos culturais em janeiro 2021 e consequente dever de confinamento - esta proposta não foi realizada durante o decorrer da UIVO 10.

Deixamos aqui como nota adicional que a sua realização veio a acontecer em maio (ver Figuras 3 e 4) e junho de 2021, numa clara alusão à primavera, usufruindo de uma grande participação e envolvimento dos maiatos.

Figura 3. Panorama geral do mural coletivo realizado no contexto da UIVO 10: A ilustração sai à rua - somos primavera

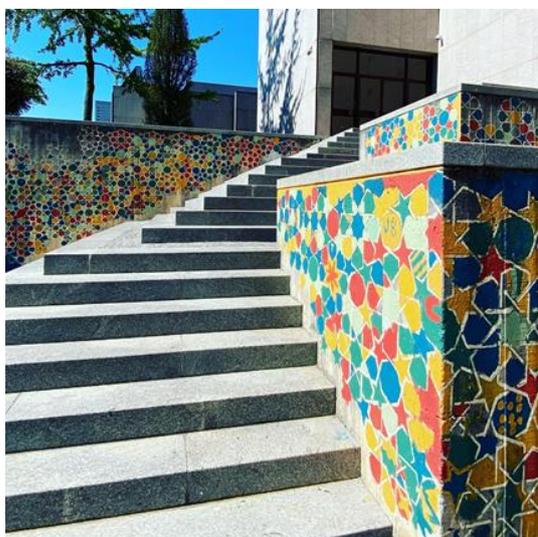


Figura 4. Detalhe de participante do mural coletivo



Numa análise mais aprofundada do que se tornou a proposta do Mural, compreendemos que a possibilidade de contemplar o resultado final, mesmo depois da data das ações, ganhou uma importância acrescida por vincular os seus autores à obra (e ao local da sua implementação).

3. “Pode um programa educativo ser uma obra de arte?”

Esta é uma questão que Maria Acaso⁸ levanta, numa reflexão a que se tem dedicado, no sentido de compreender porque é que os serviços educativos dos museus (por definição) estão secundarizados, incluindo os locais onde os mediadores trabalham que são habitualmente caves ou sótãos mal-iluminados (Acaso, 2017).

Numa tentativa de resposta, a provocação que Acaso tem vindo a fazer ao longo dos anos - e que levou consigo para o Reina Sofia, onde está hoje - transfere para a mediação experiencial uma maior importância, mas destaca acima de tudo a possibilidade de tratar os educadores como artistas, e como obras de arte as produções construídas durante as ações de mediação.

Em estreita consonância com o pensamento preconizado por Acaso, a proposta educativa para esta edição da UIVO 10 foi alinhada com o conceito da mostra, assumindo a conjuntura pandémica atual e procurando revelar como a ilustração e os seus autores se posicionaram retrospectivamente e prospectivamente em relação a ela. A

⁸ Atualmente é a coordenadora da área de educação do Museu Reina Sofia, Madrid.

proposta refletia ainda diferentes formas de estar e novos modos de relacionamento entre os espaços de arte e os públicos.

Nesse sentido, assumimos e definimos, enquanto autores, que a nossa proposta deveria ser vista como mais uma obra da exposição, pelo rigor estético com que foi concebida, assim como o conceito que explora. Num misto de cautela com receio, a grande maioria das instituições culturais em Portugal manteve um contacto à distância com o público, adaptando o que fosse necessário para não cair no esquecimento.

No caso da parceria estabelecida entre a ESE e a Câmara Municipal da Maia (CMM), este receio não permitiu que as ações fossem canceladas, sendo, em vez disso, avaliadas, caso a caso - o Mural já aqui mencionado foi uma das situações em que a cautela forçou um adiamento e posterior realização para uma altura de regresso do sol e consequente diminuição de número de casos por infeção de covid-19.

Figura 5. Exterior do Fórum da Maia, com o outdoor da imagem gráfica da mostra, na primeira sessão da oficina “Paisagem interior e caleidoscópica”



Já no caso do contacto mais direto com as escolas da região, optámos por manter as vias de comunicação possíveis e arriscar. Adaptámos as propostas iniciais e concebemos uma oficina que tivesse o potencial de acontecer mesmo que a situação pandémica evoluísse num sentido negativo. Ou seja, através de kits individuais que preparámos para serem enviados para as escolas inscritas no programa educativo.

Neste contexto, o Serviço Educativo da UIVO, na figura dos três docentes da licenciatura em AVTA - Joana Mendonça, Ricardo Gonçalves e Susana Lopes - viu objetivamente a intenção estrutural deste conjunto de ações, pensadas com o intuito de chegar mais perto da comunidade, a ser posta em causa, forçando a equipa a manter-se longe: do toque, do contacto interpessoal, da possibilidade de agir em conformidade com os pressupostos do projeto. O problema encontrado deu, no entanto, origem a uma resposta que, em si, já continha uma série de questões potencialmente produtivas: um conceito enigmático - o caleidoscópio - uma mistura entre plasticidade e variedade de materiais (experimentação) - papel autocolante e caneta preta - ao mesmo tempo que se lançava

numa mistura de ideias com pontes para outras disciplinas - como por exemplo as formas geométricas selecionadas para as bases.

Figura 6. Detalhe dos materiais selecionados para a oficina “Paisagem interior”



Após uma série de conversas em torno das potencialidades conceituais e plásticas e de testar materiais aliciantes, chegámos por fim a um objeto esteticamente apelativo, que consideramos aproximar-se das obras dos artistas da exposição.

“Pode um programa educativo ser uma obra de arte?” (Acaso, 2017), a questão levantada por Maria Acaso no projeto de investigação “onde está a oficina de mediação” em que uma instituição cultural que está a ser alvo de mudanças estruturais, resolve transportar os problemas originários no serviço educativo para o espaço expositivo. Desta forma, e durante o processo de adaptação, o grupo de agentes percebe que deve procurar sair dos lugares menos nobres do museu, dos seus “sótãos não arejados” (Acaso, 2017) e levar as questões da mediação para colocar ao lado das obras de arte.

Após a análise cuidada ao contexto da preparação da oficina “paisagem interior”, compreendemos que esta atividade não poderia ser concebida com os mesmos objetivos estabelecidos no ano anterior e não resultaria da mesma forma nem para nós nem para os participantes, especialmente porque, ao contrário do habitual, a oficina estava a ser pensada como um objeto artístico, e não como uma oficina construída em parceria com os participantes. Naquele momento, decidimos que isso não deveria ser encarado como uma fragilidade para o projeto, mas antes uma mais-valia, que iria tornar a exposição final num objeto coletivo, de caráter convidativo, e com o qual a comunidade poderia envolver-se, circulando pelo espaço de uma forma tão estimulante como com a exposição principal.

Voltando um pouco atrás, podemos afirmar que as obras selecionadas para a mostra UIVO 10 foram encaradas como mais do que um ponto de partida para a preparação de uma visita guiada: ao visitar a mostra de ilustração, os participantes cruzavam-se com as diferentes visões pessoais e particulares de cada ilustrador, e mais do que

tirar ideias, podiam imaginar-se dentro de cada uma daquelas imagens, nos interiores confinados, nos animais antropomórficos, ou nos abraços intermináveis.

4. Momento(s) de criação e formação

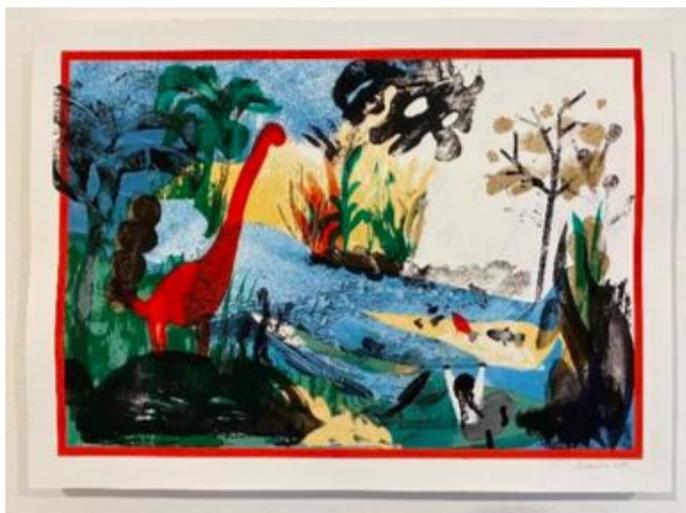
Durante a fase de conceptualização e de programação do Serviço Educativo da UIVO 10, a UTC de AV contou com uma mais-valia para todo o projeto; a presença da estagiária da licenciatura em AVTA, Bruna Quadrado. A participação da estagiária foi essencial para criar uma ponte regular entre as duas instituições. O início do estágio aconteceu de uma forma fluída, quase sem nos darmos conta disso: a sua orientação por parte da ESE.IPP estava a cargo de um dos elementos da equipa docente programadora e da instituição de acolhimento, pela Técnica Superior Ana Pereira que, ao mesmo tempo, era também convocada por nós para uma formação em arte contemporânea e mediação, no seu contexto real de trabalho.

Desde o momento inicial de conceção das atividades de mediação, a Bruna Quadrado foi incluída. A seleção dos artistas a mostrar e a destacar nas escolas foi também realizada por ela, como resultado da sua experiência na orientação das visitas presenciais que decorreram no Fórum da Maia entre dezembro 2020 e janeiro 2021.

Figura 7. Ilustração de Joana Bragança na UIVO 10



Figura 8. Ilustração de Eva Evita na Uivo 10



No contexto destas visitas, e apercebendo-se que os visitantes reparavam sempre num conjunto específico de obras, mais ou menos variáveis, a estagiária ia parando estrategicamente em lugar próximo dessas peças permitindo, no entanto, que as preferências do público fossem ditando o seu percurso. Invariavelmente e mantendo um desenho estrutural pela exposição, as obras escolhidas eram sempre as mesmas.

À medida que o projeto foi decorrendo e as ações aconteceram, as reflexões na primeira pessoa realizadas pela Bruna Quadrado, a estagiária, tornaram-na numa parceira conceptual deste artigo, uma coautora, como aqui se configura. Há também uma decisão consciente da sua integração nos processos conceptuais de um programa deste tipo, não só porque se apresenta como uma oportunidade interessante de aprendizagem, mas, especialmente, porque é um raro momento de aproximação entre docentes e alunos, numa tentativa de nivelamento que se quer menos vertical: desta forma, procuramos seguir mais uma provocação lançada por Maria Acaso (Acaso & Manzanera) 2015) na publicação “Esto no es una clase”, em que os vários projetos que são apresentados e dissecados se referem a momentos específicos de uma intencionalidade de troca de poderes. Acaso considera importante que o nosso pensamento coletivo, enquanto docentes universitários, não se deixe ficar dormente pela quantidade de trabalho existente, pelas classificações numéricas exigidas, e

que tendencialmente são interpretadas pelos alunos como recompensas (Acaso, 2015, p.3). Se quisermos seguir a linha de raciocínio de Acaso (2015), podemos extrapolar até à ideia de que continuamos a lidar com os nossos jovens adultos da mesma forma que lidamos com as crianças pequenas, cometendo erros semelhantes nos seus processos educativos.

5. “Paisagem interior e caleidoscópica” - a oficina

Com um título tão grande, tão visual e, ao mesmo tempo, conceptualmente tão forte, esta oficina constrói-se no período pós-pandemia (2020), no início do ano letivo 2020/2021, em que as escolas retomam o funcionamento em regime presencial pela primeira vez em muitos meses. Estabelecendo uma relação claramente diferente perante as presenças externas nas suas instalações, algumas escolas do Município da Maia permitiram a visita da Técnica Superior Ana Pereira, acompanhada da Bruna Quadrado (estagiária da ESE.IPP). A grande maioria das escolas não podia receber essa visita, de acordo com regulamento interno em vigor durante este período. Este facto, só por si, foi considerado durante o processo de conceção da oficina, usando por defeito o caso das escolas onde não era possível ir.⁹

Após a conceção da oficina, foi altura de divulgar pelos agrupamentos escolares as atividades para as escolas e, através das redes sociais, as atividades para famílias ao fim de semana.

Nesta fase, entre dezembro 2020 e janeiro 2021, as atividades foram todas preenchidas, e os pedidos das escolas foram também correspondidos.

Para conhecermos um pouco melhor esta atividade, aqui ficam alguns detalhes:

Que grande importância que ganhou a nossa paisagem de casa durante os meses entre março e junho: não só as coisas que povoam o nosso espaço, mas também o que conseguíamos ver a partir dali. Que mancha estranha se situava entre a árvore nº 3 e a pedra nº9 do pátio do prédio: será que mais alguém reparou nela? (eu reparei).

Desde esta altura, o regresso à escola, o brincar com os amigos, estar novamente em família, foi ganhando espaço, mas de uma coisa não nos esquecemos: a nossa imaginação foi a maior inspiração e companhia! Ainda bem porque vamos voltar a precisar dela: com cartões, muitas cores e tesouras, vamos compor uma paisagem interior ou exterior, sem limites de luz nem cor.¹⁰

⁹ Foi considerado por nós um ponto positivo extra, o caso das escolas onde foi permitido entrar: aqui os resultados e objetivos eram ajustados.

¹⁰ Sinopse da oficina “Paisagem interior e caleidoscópica”

Figura 9. Detalhe de participante na oficina “Paisagem interior e caleidoscópica” versão famílias



6. Descrição passo a passo - ou como se faz esta oficina?

Como já tivemos oportunidade de referir previamente, a proposta de trabalho educativa que foi desenvolvida partiu do conceito curatorial da exposição de ilustração, apropriando-se de algumas das suas características, a saber: a relação próxima com a pandemia, a ideia de interior (físico e psicológico) e a multiplicidade de interpretações. Houve um desejo imediato de criar algo com um espelho, uma imagem que pudesse refletir o estado das coisas e que, ao mesmo tempo, pudesse integrar o perfil criativo dos participantes. Experimentámos materiais, envolvendo desde esse momento a estagiária Bruna Quadrado, que foi responsável pela proposta de ter mais do que uma base, multiplicando assim as possibilidades de visualização do objeto final.

Cumprindo ainda a norma de escolher materiais leves, simples de colocar dentro de um saco individual, facilitando a desinfecção e separação dos materiais por aluno, a proposta deu-se por concluída.

A forma-base com três figuras geométricas que compõem o espaço de intervenção dos participantes tornou-se uma das principais características desta oficina-objeto.

Durante o decorrer da ação, os participantes de diferentes idades recorreram às suas memórias mais caricatas de confinamento para desenharem no papel autocolante, e no final apreciavam as suas obras, como o caso da Ema, de quatro anos: “Eu achei ótimo. Gostei mais dos autocolantes. Quando vi os espelhos fiquei muito espantada. Quando colocávamos as imagens nos espelhos, ficavam quatro em vez de uma”.

Figura 10. Realização de uma visita orientada à exposição UIVO 10, pela estagiária Bruna Quadrado



7. Uma versão para famílias, outra para escolas (e ainda os professores)

Na relação de parceria institucional que já conta com dois anos de existência, verificámos que os docentes que nos procuraram na edição anterior (UIVO 9) eram praticamente os mesmos que nos procuraram agora. Mesmo tendo havido da nossa parte uma tentativa de afunilar o público-alvo, destacando o primeiro ciclo do ensino básico para a sua realização, verificámos que uma das professoras que tinha participado na edição anterior insistiu para que não deixássemos “os seus meninos” de fora, mesmo sendo um grupo de alunos do pré-escolar, com idade média de 3 anos de idade.

Tendo consciência que o trabalho de construção de uma relação estável e de confiança com os professores é algo que se vai fazendo, optámos por aceitar as inscrições de todos os grupos que nos procuraram, tornando essa uma imagem de referência para os resultados das peças criadas pelos participantes. Para que fique claro, numa oficina artística pensada especificamente para um público infantil entre os 6 e os 10 anos de idade, os nossos participantes acabaram por extrapolar totalmente este grupo, como podemos ver pela tabela realizada pela Bruna no seu relatório de estágio.

Figura 11. Tabela realizada pela estagiária Bruna Quadrado com os participantes e suas características

Data	Horário	Público alvo	Introdução	Nº participantes	Idades
13/12/2020	10h00	Famílias	visita	6	3-11
29/12/2020	10h00	Famílias	visita	3	3-6
29/12/2020	14h30	Atl	visita	16	6-12
30/12/2020	10h00	Atl	visita	18	5-10
07/01/2021	10h00	Atl	visita	20	4-5
10/01/2021	10h00	Famílias	visita	8	3-12
14/01/2021	10h30	Escola	digital	23	2ºano
20/01/2021	10h30	Escola	digital	12	1ºano
21/01/2021	10h00	Escola	impresso	21	3

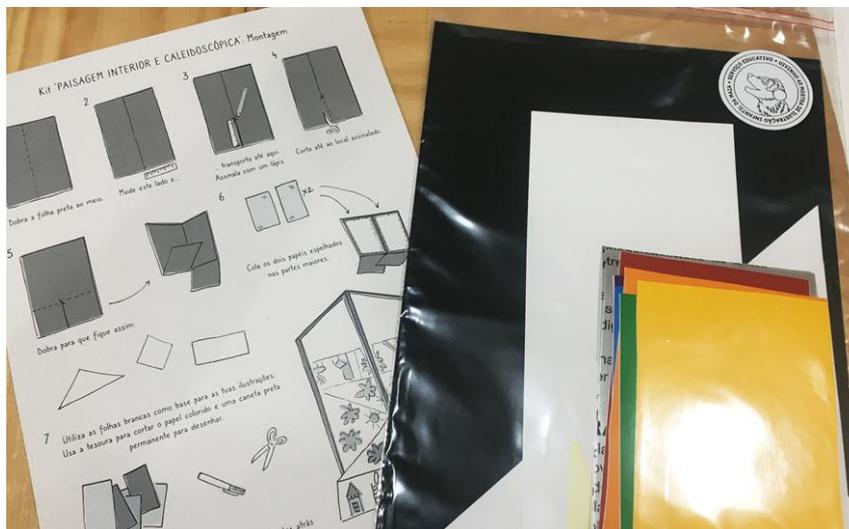
No sentido de reforçar a relação entre este grupo da ESE.IPP e as escolas (complementados em alguns casos com a presença da estagiária), orientámos sessões em *zoom*, no decorrer da exposição, onde era fornecida uma explicação detalhada do funcionamento da oficina. As sessões tiveram também momentos de resposta a perguntas vindas dos professores, numa dinâmica participativa.

O objetivo destas sessões era capacitar os professores que trabalham connosco a orientar eles mesmos as oficinas em contexto de sala de aula, mas também a criar articulações com a ilustração contemporânea, através de exemplos de artistas mais marcantes.

8. Versão *self-service* - a metamorfose

A versão *self-service* da “Paisagem interior” surge como resposta a uma complicação inesperada - a já mencionada entrada no segundo confinamento. Dos kits preparados, constatámos que sobraram alguns e que poderiam ser distribuídos pelas famílias em quarentena que se inscrevessem.

Figura 12. Oficina em versão *self-service*, constando o folheto com instruções ilustrado



Acrescentámos aos kits, preparados em bolsas plásticas, um folheto com instruções realizado por uma jovem ilustradora e ex-aluna de AVTA, Catarina Miranda.

Ao sucesso prévio da oficina com o público das escolas, acrescentámos o sucesso em contexto famílias (antes e depois do confinamento), tendo em consideração que os 100 (cem) kits preparados foram todos distribuídos. Também a exposição Uivinho #3, prevista para acontecer em fevereiro de 2021, sofreu uma alteração inesperada. Em lugar de acontecer num formato presencial, com os participantes a visitar a exposição das suas obras, acabou por ter uma presença *online*, com os trabalhos agrupados em pequenos conjuntos, animados num pequeno vídeo que ainda pode ser visitado através das redes sociais oficiais da CMM.

9. Que reflexão - o que foi colocado em causa e o que disso resultou

No momento em que nos aproximámos do final do projeto de parceria institucional entre a UTC de Artes Visuais da ESE e a Câmara Municipal da Maia, surgiram um conjunto de questões, numa tentativa de refletir, avaliar e compreender o que foi conquistado, especialmente, no que diz respeito às adaptações necessárias para um contexto pós Covid-19. A forma de trabalhar em equipa manteve-se e foi, do nosso ponto de vista, reforçada em particular num estreitar de laços institucionais. Ao nível das metodologias, reforçámos a necessidade de manter a metodologia de projeto na conceção das propostas de mediação para implementar e para uma maior aproximação à população. Ao nível dessa aproximação aos públicos, refletimos que o isolamento temporário imposto, o receio de proximidade física nas ações de mediação, a criação de uma exposição com conteúdos exclusivamente virtuais e ainda a distância necessária por parte da maioria das escolas, provocou um conjunto de dificuldades que julgamos ter condicionado o sucesso do projeto. No entanto, e olhando de forma retrospectiva agora, podemos afirmar que esse sucesso não foi condicionado, muito pelo contrário. Consideramos que o resultado foi acima de tudo positivo, devido a um conjunto de medidas que contribuíram para a criação de memórias significativas nos participantes das diversas iniciativas:

- o envolvimento dos professores das escolas numa formação à distância: nesse contexto, os professores foram envolvidos como cocriadores das propostas e tornaram-se nossos aliados;
- a criação de um conjunto de vídeos institucionais com a totalidade dos trabalhos realizados por cada grupo - tanto escolar como familiar - que foi divulgado pelas redes sociais da UIVO e da Câmara Municipal da Maia e partilhado também nas redes sociais da ESE.IPP; criados a partir de fotografias de alta qualidade de cada um dos trabalhos realizados, reforçaram a construção de uma exposição virtual com elevada qualidade de produção, com a chancela da Câmara Municipal; esta ação, só por si, criou uma sensação de pertença a todas as crianças que participaram, bem como para com os seus familiares diretos e professores;
- a criação de um novo formato para a oficina, adaptando-a para realizar a partir de casa, revelou-se um sucesso: todos os kits foram distribuídos e realizados pelos seus diferentes autores, com idades muito variadas, tendo predominado os pequenos grupos de irmãos e primos, ou criança e adulto que realizaram em conjunto;
- a pintura coletiva do mural “Ilustração sai à rua - somos primavera” realizada em maio e junho de 2021 veio encerrar a programação da UIVO 10 de uma forma marcante para todas as pessoas que se juntaram a nós, tanto através de inscrição prévia, como aos que de forma espontânea iam a passar na rua e aguardavam um momento para poderem deixar a sua marca na cidade, como afirma Helguera (2011):

O que a criação artística tem a oferecer não é representação objetiva, mas antes uma complicação de leituras, de forma a que possamos descobrir novas questões. É quando nos colocamos nesses locais experimentais, e quando persistimos em torná-los experiências concretas, que interstícios se tornam locais de significação. (p. 71)

Estas notas que agora tiramos, no sentido de refletir e perspetivar, pensando já em novas ações para futuro, levam em consideração a ideia de Helguera (2011), de que o mais importante em arte contemporânea não é o ensinamento de uma prática ou técnica, mas antes a possibilidade de abrir novos caminhos. Em último caso, ensinar o gosto por questionar, colocar nas gerações mais jovens a possibilidade de a criação ser aquilo que

necessitam para aprenderem a questionar o mundo, tentando contribuir para o tornar um pouco melhor a cada dia.

No seguimento desta ação, que pela sua natureza estava integrada num plano maior de relação existente entre a CMM e a ESE, concluímos que a grande proximidade e o envolvimento dos vários intervenientes, deixou uma marca positiva em todas as frentes, contribuindo para uma normalidade possível naquele que foi um momento excecional para todos. As propostas elaboradas e o seu desenvolvimento aconteceram num contexto comunitário, onde, apelando à participação do público, em tempo real e num sentido de construção crítica coletiva e participativa (Bishop, 2012 p. 241), foram sendo adaptadas e ajustadas à medida. Ao fazê-lo, foi-se permitindo uma permeabilidade da construção, reforçando a ideia de autoria coletiva: desta forma a equipa conseguiu evitar os problemas que a arte participativa por vezes gera, essencialmente relacionados com as expectativas de todas as partes envolvidas. Pelo contrário, resolveu-se um impasse comum que foi dar visibilidade à ação educativa (educação não formal), em detrimento das obras de arte que têm sempre um maior (único por vezes) destaque, criando um programa de educação e criação alargado no tempo, que se manteve muito depois da exposição UIVO 10 terminar (Hoff, 2009, p.85).

A avaliação que foi sendo realizada por todos, influenciou as práticas dos elementos da equipa no momento presente e teve um impacto determinante no desenvolvimento de propostas para o futuro.

Referências

- Acaso, M. (2017). *De la mediación objetual a la mediación experiencial*. Disponível em <https://mariaacaso.es/author/maria/>, acedido em 14 setembro 2021.
- Acaso, M., & Manzanera, P. (2015). *Esto no Es una Clase - investigando la educación disruptiva en los contextos educativos formales*. Telefónica.
- Araújo, M. J., & Diogo, F. (2015). *Estudar no Ensino Superior. A questão da igualdade de oportunidades de sucesso no ensino superior público*. In II Colóquio internacional de Ciências Sociais e da Educação, 939-947. Braga, Universidade do Minho.
- Bishop, C. (2012). *Artificial hells. Participatory art and the politics of spectatorship*. Verso.
- Helguera, P. (2011). *Education for socially engaged art*. Jorge Pinto Books.
- Hoff, M. (2009). *Por um mediador-etc ou a experiência da Bienal do Mercosul*. Mercosul.
- Lopes, S., & Melo, C. (2018). Pode a cidade ser Escola? – Serviço Educativo ESE/Porto. Can the city be a school? – Educational Service ESE/Porto Lazer. *Saber & Educar*, 0(24). doi:<http://dx.doi.org/10.17346/se.vol24.330>
- Oliveira, T. (2012). *O que significa realmente o processo de Bolonha*. Disponível em <https://expresso.pt/querostudarmelhor/gemnoticias/o-que-significa-realmente-o-processo-de-bolonha=f752512>, acedido em 14 setembro 2021.
- https://ec.europa.eu/education/policies/higher-education/relevant-and-high-quality-higher-education_pt, acedido em 01 dezembro 2021.